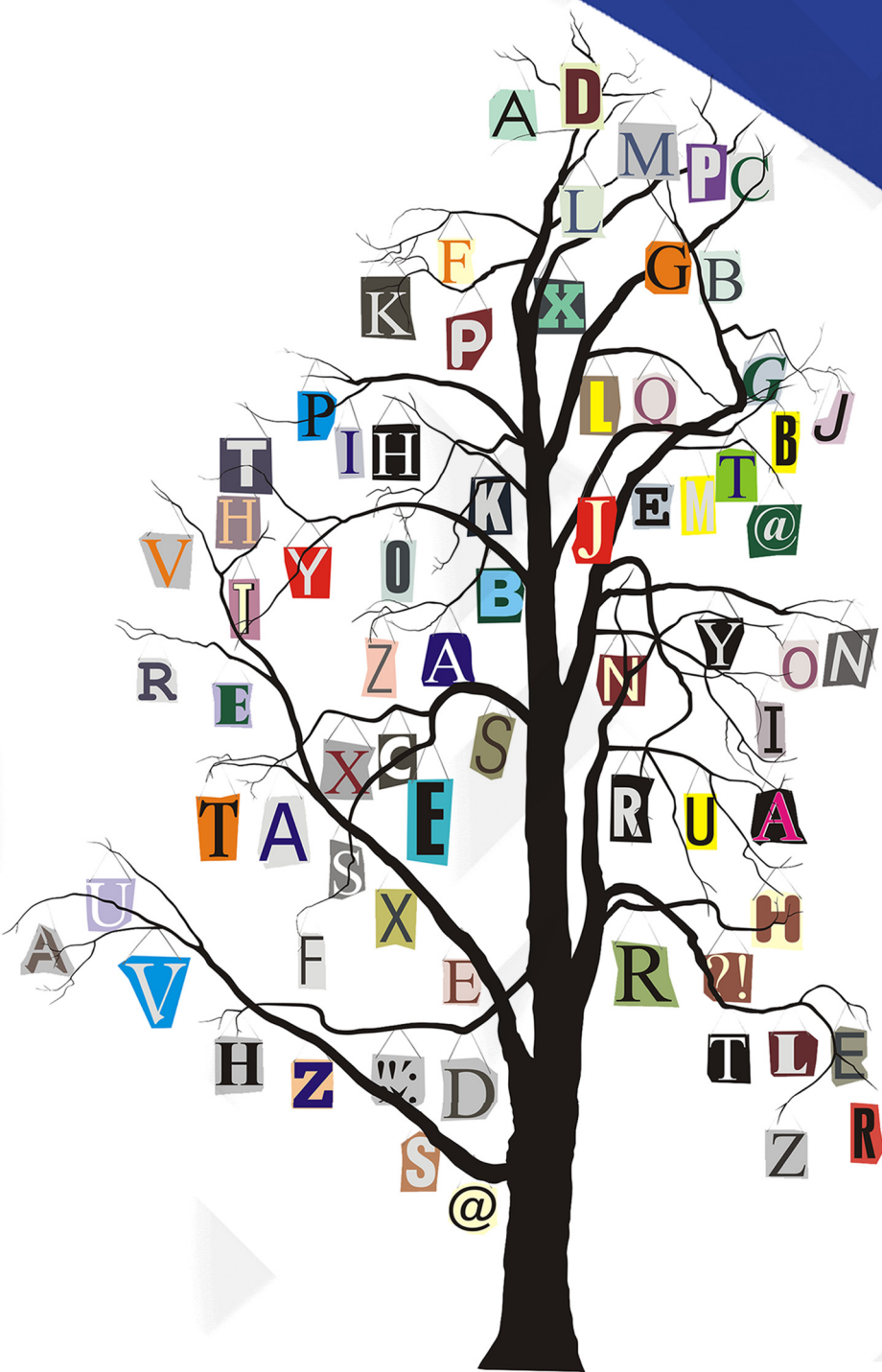


(In) Subordinações Contemporâneas: Linguística, Letras e Artes

Angela Maria Gomes
(Organizadora)



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio	
Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes	
Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO
SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E
DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO
BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME
“CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO
SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.08919030929	
CAPÍTULO 30	360
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
DOI 10.22533/at.ed.08919030930	
SOBRE A ORGANIZADORA	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES

Daiany Bonácio

(UEL – Londrina/PR)

Mariângela Peccioli Galli Joanilho

(UEL – Londrina/PR)

**THE NATURALISTIC SCHOOL AND THE
SCIENCES OF LANGUAGE: DUELS AND
DEBATES**

RESUMO: Ao longo da história da Linguística, o Naturalismo não despertou muito interesse nos estudiosos da linguagem, relegando a tal teoria certo anonimato. O Naturalismo objetivava formar uma ciência da linguagem, pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. O contexto que se apresenta traz um pensamento científico sobre a linguagem sendo desenvolvido e que auxilia na compreensão da constituição da ciência linguística, quando uma história paralela a que ficou famosa – a de Saussure – também estava em construção. Objetivamos compreender essa etapa epistemológica na constituição da Linguística na qual houve um duelo entre a concepção de língua defendida pelos naturalistas de um lado e, de outro lado, a língua enquanto um sistema estruturado defendida por Saussure e seus contemporâneos. Para compreender essa problemática, buscamos respaldo na Análise do Discurso de orientação francesa, mobilizando conceitos como discurso, história e sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo. Ciência Linguística. Análise do Discurso

ABSTRACT: Throughout the history of Linguistics, the Naturalism did not arouse much interest in the students of language, relegating to that theory certain anonymity. The Naturalism aimed to form a science of language, based on the premises of the botanist Charles Darwin, bringing naturalistic ideas closer to linguistic studies. The context that presents brings a scientific thought about the language being developed and that helps in the understanding of the constitution of the linguistic science, when a parallel history to that became famous - from Saussure - was also under construction. We aim to understand this epistemological stage in the constitution of Linguistics in which there was a duel between the conception of language defended by naturalists on one side and, on the other side, language as a structured system defended by Saussure and his contemporaries. To understand this problem, we seek support in French Discourse Analysis, mobilizing concepts such as discourse, history and subject.

KEYWORDS: Naturalism. Linguistic Science. Discourse Analysis

INTRODUÇÃO

O Naturalismo trata da incorporação da teoria transformista de Charles Darwin aos estudos da filosofia da linguagem, concebendo a língua como um organismo vivo, que cresce e evolui semelhante aos seres vivos. Estamos diante de discursos sobre/ de a língua que não vemos sendo contemplados nos manuais de linguística, mas que abriram caminhos e discussões sobre a mudança de rumo que os estudos da linguagem tomaram naquele momento. Como Saussure propõe um estudo imanente da língua, relacionando-a à organização interna dos seus elementos, não se dá valor aos estudos naturalistas realizados paralelamente e até anteriormente às idéias saussurianas na busca pela cientificidade da linguística.

Os Naturalistas, impregnados pelo espírito positivista da época, buscavam aproximar os estudos transformistas ao que vinha sendo feito até então pela filosofia da linguagem, a fim de estabelecer uma ciência linguística. Isso se dá por meio do estudo de autores como A. Schleicher, Jorge Darwin, J.G. Rialle, A. Hovelacque, Julien Vison cujos trabalhos foram publicados entre o final do século XVIII e início do século XIX. Como sabemos, Saussure também tinha este interesse: pensar os estudos da linguagem enquanto ciência foi o marco central do *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG.

Nesse cenário, vislumbramos uma escola naturalista a qual procura mostrar uma forma própria de conceber a ciência linguística. A partir de alguns conceitos da Análise de Discurso de linha francesa, buscaremos tirar este estudo desenvolvido da evidência a fim de compreender melhor os acontecimentos na época em que se buscava estabelecer a cientificidade dos estudos da linguagem.

1 | A ESCOLA NATURALISTA E A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA COMO UM ORGANISMO VIVO

No desenvolvimento humano, provavelmente apareceram várias gerações de quase homens, os quais convencionaram alguns gritos, onomatopeias e que estes tornaram-se cada vez mais convencionais, aproximando-os de um pequeno vocabulário. Dessa forma, gradativamente se formou uma origem de quase palavras, as que usamos hoje como verbos, substantivos, etc. A partir dessa perspectiva, a fala não é uma faculdade inata e completa no homem, mas algo adquirido com a evolução, com o desenvolvimento gradual dessa capacidade e a prova disso é que o homem já foi um ser mudo, que apenas balbuciava sons. Ademais, no início não havia uma grande diferença entre os homens e seus vizinhos, os macacos. O homem desenvolveu-se gradualmente, aperfeiçoando sua faculdade da linguagem; enquanto isso, o macaco não realizou progressos por não ter tido a capacidade de iniciar tal faculdade. Na luta pela sobrevivência, os homens aperfeiçoaram a linguagem na busca pela eliminação dos inferiores imediatos, seus adversários. Essas ideias

apresentadas são defendidas por uma escola que ficou conhecida como naturalismo, a qual defende que a linguagem se desenvolveu, evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais. O naturalismo objetivava formar uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos.

A partir da leitura do texto de Rialle (1875), tomamos conhecimento de que o primeiro a aplicar os conceitos de Darwin aos estudos da língua foi o alemão A. Schleicher. O referido estudioso, em um livro datado de 1860 (*Die Sprache dentsche*), aplicou as leis do transformismo na glote e discorreu acerca da luta para a existência de algumas formas, o desaparecimento de formas antigas no que se refere ao domínio da glote. O linguista alemão considera os estudos da linguagem como um ramo da história natural, divulgando assim os ideais naturalistas para a formação da ciência da linguagem. Nesse sentido, vemos o naturalismo buscando uma teoria, um objeto de estudo e métodos científicos definidos:

Indagar-se-ha como e por que rasão o linguista Schleicher occupava-se tanto com a theoria de Darwin e a applicou á sciencia da linguagem. Responderemos com elle que “as línguas são organismos naturaes, que, independente da vontade do homem, nascem, crescem, desenvolvem-se, depois envelhecem e morrem segundo as leis determinadas; têm, pois, tambem, essa série de phenomenos que commummente se comprehendem sob o nome de “vida”. A glottica, a sciencia da linguagem, é por consequencia uma sciencia natural; o seu methodo é em tudo e por tudo o mesmo que o das outras sciencias naturaes. – Não se trata aqui, naturalmente, da philologia, que é uma sciencia historica” (*Die Darminsche Theorie*, etc., pags. 6 - 7)(RIALLE, 1875, grifo nosso).

A partir dessa citação, vemos a língua sendo tratada como independente de seus falantes e com existência e regras próprias.

Rialle (1875) defende que o homem, ao longo do seu desenvolvimento, comunicou seus pensamentos e impressões por meio de um sistema glótico imperfeito, mas que era superior ao dos animais. Nesse sentido, a linguagem é produto de um desenvolvimento progressivo, sustentando a visão naturalista de que a linguagem articulada foi uma característica desenvolvida somente nos humanos:

(...) por linguagem se deve entender uma serie mais ou menos regular de sons e de combinações de sons, que correspondem a sensações diversas e definidas e que servem de meio de comunicação entre individuos da mesma raça ou da mesma espécie, como se queiram (...) (RIALLE, 1875, grifo nosso).

Ao afirmar que a linguagem é uma série regular de sons e de combinações de sons que serve para a comunicação vislumbramos a presença dos conceitos apresentados no CLG de Saussure. Ademais, Rialle realiza uma relação com as ciências da linguagem (em um horizonte de prospecção), quando, em sua discussão, faz avançar alguns conceitos saussurianos, como por exemplo, tomar a língua enquanto um sistema de signos verbais convencionais e atualizado na memória:

Imagino que a origem iniciativa das quasi palavras (empregadas com certos adjetivos e substantivos) foi nos tempos primitivos como mnemotechnia de suas significações. É evidente que um systema de signaes verbaes fará muito mais profunda impressão na memoria, quando taes signaes tiveram uma relação, ainda que remota, com objectos representados. Uma creança aprende, e não esquece a palavra *bé-carneiro*, e chama *mú-vacca*, muito antes que possa conservar na memoria os simples signaes *carneiro e vacca*: começa frequentemente por chamar os cães e as vaccas áu-áu e mú, e continua a empregar estas palavras ainda depois que pronuncia taes syllabas de um modo inteiramente conveacional. (RIALLE, 1875, grifo nosso)

A concepção de linguagem articulada e convencional também aparece no trecho:

Não imagina elle como uma lingua, posta que incompleta, nascesse de uma só geração de macacos antopôdes. E certamente provavel que se passaram muitas gerações de quasi-homens, que se serviam de uma pequeno vocabulário de gritos convencionaes, e que taes gritos se foram tornando cada vez mais convencionaes, affastando-se cada vez mais dos sons ou exclamações de que se haviam originado. Muitas raízes se devem multiplicado por scisão (excessão, grifo meu), e produzindo novas radicaes, que mais tarde e gradualmente se devem ter apartados das suas onomatopéas originais. (...) Parece, pois, que a linguagem articulada não é faculdade innata e completa no homem, mas coisa adquirida com o auxilio do tempo e de numerosas evoluções.(RIALLE, 1875)

As contribuições de Darwin são amplamente defendidas por Rialle (1875). Para o autor, não se pode negar que as leis darwinistas regem a vida das diferentes línguas da humanidade: as línguas primitivas existentes diminuíram, modificaram-se como consequência da seleção natural. Rialle busca mostrar que, tal qual Darwin restaurou nas espécies animais, é perfeitamente possível reconstituir árvores genealógicas para as línguas. O estudioso francês está se referindo à famosa ideia sobre a língua-mãe, um conceito naturalista o qual mostra claramente a transferência das árvores genealógicas aplicadas às espécies animais e que serviu para compreender a questão das línguas primitivas. Sobre esse assunto, Faraco (2006) revela que alguns estudiosos faziam um trabalho com classificações das línguas humanas utilizando critérios de parentesco e as denominavam de genética ou genealógica. O pensamento girava em torno da ideia de que um grupo de línguas tinha, no passado, uma língua ancestral comum. Neste sentido, buscava-se agrupar as línguas por critérios estruturais, características que elas partilhavam no que se refere à organização interna. Tomava-se como critério a organização morfológica das línguas, estabelecendo classificações tipológicas (como língua flexional, isolante e aglutinante). Esse modo de pensar as línguas hoje está abandonado, informa-nos Faraco (2006); entretanto, deixa como herança a ideia de compreender as mudanças, partindo dos critérios estruturais e tipológicos.

O naturalista francês A. Hovelacque, informa Desmet (2007), considera que a origem da linguagem está relacionada com o desenvolvimento do homem. Ao defender uma linguística antropológica, Hovelacque mostra que há uma evolução da linguagem, tal qual pensou Darwin sobre a seleção natural das espécies: a luta pela existência

da língua é feita entre as diferentes famílias de línguas, bem como expressões de uma mesma família. A seleção/sobrevivência de essa ou de aquela palavra, essa ou aquela língua dá-se de forma natural: classes superiores sobressaem das inferiores. Tais ideias não tiveram grandes adeptos na época. Isso porque muitos estudiosos da linguagem estavam empenhados em realizar um estudo histórico-comparatista da língua. Filiar-se às teorias naturalistas seria negar muitos dos estudos feitos até então. O cenário de anonimato do naturalismo mudou com a chegada do linguista alemão Schleicher, que levou os estudos da linguagem a refletir sobre o método comparatista, marcando uma mudança nos estudos que a gramática comparada desenvolvia até então. Tais inovações trazidas por ele propôs que se ultrapassasse o método da gramática comparada, de modo a superar as correspondências interlinguísticas e a reconstituição dos intervalos que separavam duas línguas, comparadas por seu parentesco. Além de sugerir essa ruptura metodológica, Schleicher ainda refuta a ideia comparatista de que o sânscrito era a língua-mãe de todas as línguas europeias. Para ele, o indo-europeu deveria ocupar esse lugar. Com essa hipótese, ao buscar reconstruir o indo-europeu primitivo, ele estabelece um método científico: o esquema da árvore genealógica. Ademais, Schleicher acreditava que a linguagem sofria modificações constantes, sendo o fruto de uma criação contínua, tal qual ocorria com outras áreas vitais, que estavam em constante desenvolvimento. Nesse sentido, o nascimento e o desenvolvimento da linguagem ocorreriam paralelamente ao desenvolvimento do cérebro e os órgãos da palavra.

Rialle (1875) faz menção ao médico e anatomista francês Paul Broca, o qual descobre o centro do uso da palavra no cérebro, na região do lobo frontal. Essa descoberta foi importante para a época, pois mostrava o local em que se desenvolvia a linguagem articulada nos seres humanos. Tal informação não foi ignorada por Schleicher e forçou os linguistas a considerarem os estudos da anatomia comparativa. Desse modo, os postulados naturalistas alavancaram os estudos científicos sobre a língua na época.

2 | POR QUE A BUSCA PELA CIÊNCIA DA LINGUAGEM?

As últimas décadas do século XIX foram marcadas por um novo espírito teórico nos estudos da linguagem. O contato com o positivismo filosófico de August Comte (1798-1857) trouxe novos ares para os estudiosos da linguagem. Nesse sentido, inicia-se uma fase de contestação aos estudos histórico-comparatistas feitos na época e um novo espírito científico impregna estudiosos como Herman Paul e K. Brugman, que começam a criticar o que se vinha fazendo até então. Os chamados neogramáticos marcam o surgimento de uma nova geração de pesquisadores que atacam certas teses dos estudos comparatistas vigentes. O objetivo é propor a cientificidade na linguagem. Em consequência, os estudos sobre a língua enfrentam uma crise de

fundamentos:

Com efeito, no final do século XIX, no momento mesmo em que a linguística se instituía, não havia consenso em relação a uma questão elementar. Para Sylvain Auroux, a linguística nesse momento 'é simplesmente incapaz de definir aquilo que é uma língua, de dizer em que consiste exatamente seu objeto' (2000: 411). Trata-se de um problema cuja resposta suscita toda uma série de implicações fundamentais, o que faz da jovem ciência, que nos anos 1850 parecia enfim bem estabelecida, uma ciência ainda em busca de fundação. (CRUZ, 2016, p. 63)

A ideia é fugir da análise histórica da língua para estudá-la em seu estado. Para Faraco (2007), essa é a peça central na linguística saussuriana, a qual defende a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria se diferenciar da visão histórico-comparativa e ser independente das ciências naturais e da psicologia.

O estabelecimento da cientificidade na linguagem já havia sido iniciado na Alemanha com Schleicher, que defendeu uma ciência linguística pautada na botânica. No entanto, os neogramáticos atacam tais ideias, sobretudo o postulado de uma língua-mãe e a concepção evolucionista das línguas. Nesse sentido, a crítica neogramática preconiza a emancipação do naturalismo e do historicismo. Os princípios neogramáticos pregavam que a análise da língua não deveria se limitar à descrição ou à constatação das mudanças ocorridas entre dois ou mais estados de línguas que eram parentes. Para eles, a análise da língua deveria ceder lugar a explicações positivas das causas que levavam as mudanças observadas. Inspirados pelos ideais positivistas, o grupo defendia que a língua não podia ser comparada a um organismo vivo – concepção de língua naturalista –, por causa do falante. O falante é recrutado para auxiliar na compreensão da analogia. A partir disso, a mudança linguística, de natureza mecânica e articulatória, tinha o falante como centro, uma vez que ele, tomando como base, por analogia, outros elementos da língua com igual semelhança, produzia alterações frequentemente sonoras.

Ao eleger os sons como objeto de suas investigações, os neogramáticos buscam ultrapassar o estudo das línguas por meio da escrita que se fazia com a vertente histórico-comparatista, rompendo com uma grande tradição gramatical antiga:

Trata-se, aqui, de uma verdadeira ruptura teórica em relação à tradição gramatical herdada da Antiguidade. A gramática é primeiramente constituída como ciência da gramena, valorizando, assim, a análise das línguas por meio de suas atestações escritas (de onde as valorizações sucessivas dos diferentes patrimônios literários e a definição normativa dos usos em referência à língua dos "grandes escritores"). (PAVEUA E SARFATI, 2006, p. 31)

Hermann Paul publica em 1880, *Princípios do devir da linguagem*, um livro que pode ser considerado uma síntese das concepções da escola neogramática. Nele, Paul aborda questões como a impressão psíquica das sonoridades, as imagens memoriais que os sons são capazes de trazer. A discussão sobre a impressão psíquica das sonoridades resulta naquilo que Saussure reconhecerá no *CLG* como

a imagem acústica do significante, lembram Paveau e Sarfati (2006). Nesse sentido, os cursos de Saussure na Universidade de Genebra são uma reflexão do momento vivido naquela época. Sobre o assunto, Faraco (2016) recorda que, nas últimas décadas do século XIX, o mundo acadêmico já havia percebido a possibilidade de se constituir uma linguística geral não-histórica. A questão em foco é a busca pela natureza e função da linguagem e qual era o estatuto da linguística:

Os lingüistas importantes, aqueles que propuseram e que sustentaram os modelos teóricos, foram obrigados a explicitar suas reflexões em relação a três grandes problemas: a função e a natureza da linguagem, o estatuto da ciência da lingüística. (PAVEUA E SARFATI, 2006, p. 33)

A função da linguagem é o problema que recebe as primeiras teorizações e vem da filosofia. Rousseau em 1781, ao publicar o *Essai sur l'origine des langues*, defende que a linguagem foi criada para a expressão de sentimentos e, mais tarde, pouco a pouco, torna-se um meio de expressão das necessidades. Para Paveua e Sarfati (2006), as teses de Rousseau influenciaram a filosofia da linguagem, sobretudo na Alemanha, onde autores como Herder, Hegel, Schleicher se posicionaram e fizeram considerações sobre a função da linguagem. Em relação à questão da natureza da linguagem, Paveau e Sarfati revelam que, entre o começo do século até o momento da crítica neogramática, há o historicismo filosófico, o qual busca respaldo nas formulações naturalistas: “do organicismo tipologizante de Linné ao organicismo evolucionista de Darwin.” (PAVEUA E SARFATI, 2006, p. 35). Os referidos autores nos informam que essa é uma primeira fase de formação da ciência linguística; uma fase marcada por uma concepção de língua como organismo vivo. Por meio das ideias positivistas de Comte, o chamado romantismo (historicista e organicista) é substituído pela busca da natureza da linguagem:

Os neo-gramáticos rompem progressivamente com os pressupostos filosóficos do romantismo, mas consagram, ao mesmo tempo, fora de toda perspectiva especulativa aparente, o primado da função comunicativa da linguagem (primado afirmado em detrimento da função representativa). (PAVEUA E SARFATI, 2006, p. 35)

Nesse sentido, vemos que a noção de representação do pensamento – defendida desde os tempos de Aristóteles – imputada à língua, a partir deste momento, é modificada para uma função comunicativa, mudando então a visão da natureza da linguagem.

A partir dessas discussões, notamos que, apesar de serem negadas e substituídas pelos neogramáticos, as ideias naturalistas preparam o terreno na busca de solucionar as questões que preocupavam os estudiosos da época:

A linguística positivista toma emprestado ainda do naturalismo uma parte de suas referências conceituais (a ideia da lei fonética aparece como um *analogon* da noção de lei física) [...]. Considerada a impulsão que ela recebe, desde seus começos, do romantismo, do historicismo e do organicismo, a linguística defini-se, por longo

tempo, como uma ciência natural (o ponto forte dessa conceitualização remete a Schleicher). A emergência gradual do positivismo autoriza a tematização de uma metodologia mais rigorosa. (PAVEU E SARFATI, 2006, p. 35)

Em busca desse método mais rigoroso, a linguística coloca em pauta os fundamentos científicos da gramática comparada ao questionar sua prática e muitos conceitos naturalistas serviram de inspiração para tal busca.

O fato é que a tentativa naturalista de formar uma ciência da linguagem não foi aceita com tranquilidade pela comunidade científica da época. No século XIX, os estudos histórico-comparativos se desenvolveram fortemente, com autores como F. Bopp, W. Jones dentre outros que realizam comparações das línguas grega, latina, persa, germânica na busca por semelhanças entre elas, traçando um parentesco. Desse modo, o momento é marcado fortemente pelos estudos históricos da linguagem realizados por esse grupo. Em meados do referido século, os estudos histórico-comparativos se deparam com uma orientação naturalista com a publicação da obra de A. Schleicher e não a recebem sem resistência. O aluno de F. Bopp, Max-Müller, publica alguns artigos os quais combatem a teoria darwinista no tocante à filosofia da linguagem. A partir da crítica de Max Müller, vislumbramos uma luta entre ciências, um combate iniciado em relação aos conceitos naturalistas sendo aplicados à linguística. A crítica de Max-Müller ao naturalismo está fundada em acusar as ideias de Schleicher de materialistas.

A partir da leitura de textos naturalistas, percebemos que muitos estudiosos da época não reconheceram essa concepção de eliminação de espécies na luta pela sobrevivência no que se refere à linguagem, como é o caso do linguista alemão Max-Müller, que nega a aplicação da teoria transformista na ciência da linguagem. O referido autor reconhece que a faculdade da fala foi uma barreira que os animais não foram capazes de transpor e isso pode ser visto como uma verdade incontestável. Entretanto, tal fato não foi suficiente para que ele aderisse às ideias naturalistas, preferindo dedicar-se à filosofia comparativa e aos estudos do sânscrito iniciados por Frans Bopp, do qual foi aluno.

3 | O NATURALISMO E A FUNDAÇÃO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA

Ao estudarmos a escola naturalista, percebemos muitos pontos de contato entre ela e os estudiosos que inspiraram Saussure a propor os cursos em Genebra os quais culminaram no CLG. Nesse sentido, é fato que a escola naturalista não progrediu no início do século XX; Julien Vinson, o último representante da escola, lançou textos até 1922. O principal órgão de divulgação das ideias naturalistas, a Revista de Linguística e Filologia Comparada, teve publicações até 1916, sendo o estudo da linguagem sob o ponto de vista biológico e fisiológico abandonado. As atividades desta escola desenvolveram-se principalmente dentro da Sociedade de

Antropologia e da Escola de Antropologia, mostrando realmente que não foi um rumo tomado pelos estudos linguísticos, como já se sabe. Os estudos antropológicos em autores como James Cowles Prichard (1843) e Honoré Chavée (1862), informamos Desmet (2007), chegaram a basear a classificação de raças em características linguísticas, algo negado por Paul Broca:

Que les caracteres linguistiques ne présentent pas la même permanence que les caractères physiques pousse Broca (1866, p. 293) à considérer les langues comme des créations arbitraires qui sont le produit de la volonté humaine : “Il n'est pas douteux que les langues, oeuvres de l'homme, sont beaucoup moins stables que l'organisation, oeuvre de la nature” (DESMET, 2007, p. 46)¹.

Broca defende que a língua é uma criação arbitrária e produto da vontade humana. Essa ideia da arbitrariedade da língua está no CLG. Nisso, vemos o quanto esta escola estava atenta às questões de se propor uma ciência linguística. Podemos ainda citar, o naturalista Hovelacque, que reconhece o estudo da língua em sua via social e psíquica:

Personne ne contestera non plus que la langue est un phénomène complexe qui interagit avec des facteurs à la fois physiologiques, psychiques et sociaux. Seulement, force est de constater que la linguistique a réservé une place nettement plus centrale à l'étude de la langue comme phénomène psychique ou comme fait social qu'à l'examen de la langue comme réalité physiologique ou biologique (DESMET, 2007, p. 42)².

Ele ainda propõe o estudo imanente da língua:

Cette classification de la linguistique parmi les sciences naturelles amène Hovelacque à opposer les termes traditionnellement confondus de *linguistique* et de *philologie*. Pour lui, la philologie ne peut être confondue avec la linguistique dans la mesure où elle fait définitivement partie des sciences historiques. Selon Hovelacque, la philologie est une science historique qui s'applique à des documents et à des textes d'une seule et même langue, nécessairement littéraire et qui utilise non pas la méthode d'expérimentation mais la méthode dite critique ou d'érudition. La linguistique, par contre, se concentre exclusivement sur l'étude de la langue en elle-même et pour elle-même:

“La langue seule constitue son domaine: la langue en tant que produit inconscient, la langue en tant que manifestation humaine, en un mot la langue fonction naturelle (...). La langue elle-même, la langue seule lui importe, non son emploi ; il n'a en vue que les éléments de la langue, leurs influences réciproques, leurs lois d'évolution, puis les procédés morphologiques; la vie historique échappe à son étude (Hovelacque 1872, p. 107-108)” (DESMET, 2007, p. 50)³.

1 Os caracteres linguísticos não têm a mesma permanência que os caracteres físicos, acresce Broca (1866, p. 293) para considerar as linguas como criações arbitrárias que são o produto da vontade humana: “Não há dúvida de que as línguas, as obras do homem são muito menos estáveis do que a organização, obra da natureza.” (DESMET, 2007, p. 46, tradução nossa).

2 Ninguém contesta que a linguagem é um fenômeno complexo que interage com fatores fisiológicos, psicológicos e sociais. Só que, é claro que a linguística tem reservado um lugar mais central para o estudo da linguagem como um fenômeno psíquico ou como um fato social do que um exame da linguagem como uma realidade fisiológica ou biológica. (DESMET, 2007, p. 42, tradução nossa)

3 Esta classificação da linguística entre as ciências naturais leva a Hovelacque a se opor aos termos tradicionalmente confundidos da linguística e da filologia. Para ele, a filologia não pode ser

Em outra passagem, ele enfatiza o estudo da língua pela língua, seu funcionamento e regras, quando diz que a linguística pesquisa e determina as leis normais próprias:

(...) le linguiste étudie chez l'homme le phénomène du langage articulé et ses produits à la façon dont tout physiologiste étudie les autres fonctions, la locomotion, par exemple, l'olfaction, la vision, ou encore la digestion, la circulation. Et non seulement il recherche et détermine les lois normales propres à ce phénomène, mais encore il découvre et caractérise les altérations véritablement pathologiques qui se présentent maintes fois durante le cours de la vie des langues (HOVELACQUE, 1881, p. 09)⁴.

Hovelacque é sucessor de Schleicher e dá continuidade à ideia do estudioso alemão da divisão tripartida das línguas em isolantes, aglutinantes e flexionais de acordo com sua estrutura morfológica. Para esses estudiosos, a língua passaria necessariamente, para alcançar o seu completo desenvolvimento, por cada uma dessas três etapas sucessivas, evidenciando seu crescimento desigual, em que algumas alcançaram o tipo flexional – a mais alta em organização – enquanto outras permaneceram isolantes ou aglutinantes. Essa tripartição identifica três sistemas linguísticos diferentes e inspira estudos futuros sobre as diferentes línguas como sistemas articulados e singulares, preparando os estudos da linguagem para uma análise interna das línguas, como bem fez Saussure e seus contemporâneos. Isso comprova o quanto o estruturalismo deve ao naturalismo.

Para vislumbramos os pontos de contato entre o naturalismo e as ideias que formaram a nova ciência, o Estruturalismo, construímos o seguinte quadro-síntese:

Autor	Ideias
Schleicher	- As línguas independem da vontade do homem e possuem leis determinadas, regras próprias. E isso não se trata de uma ciência histórica, da filologia - Ao aplicar as ideias de Darwin à língua e trazer o conceito de língua-mãe, no caso o indo-europeu, Schleicher agrupava as línguas por critérios estruturais, observando os sistemas, a organização interna das línguas. Ao tomar a organização morfológica das línguas, ele estabeleceu classificações tipológicas (como língua flexional, isolante, aglutinante).

confundida com a linguística, uma vez que é definitivamente parte das ciências históricas. De acordo Hovelacque, a filologia é uma ciência histórica que se aplica a documentos e textos de uma mesma língua, necessariamente literária e que não utiliza o método experimental, mas o chamado método crítico ou acadêmico. A Linguística, por contra, se concentra exclusivamente no estudo da língua em si e por si: “A língua unicamente constitui seu domínio: a língua como produto inconsciente, a língua como uma manifestação humana, em uma palavra a língua funciona naturalmente (...). A língua em si, a língua unicamente importa para ela, e não o seu trabalho; ela não tem uma visão dos elementos da língua, suas influências recíprocas, suas leis de evolução e processos morfológicos; a vida histórica escapa ao seu estudo (Hovelacque 1872, p. 107-108).” (DESMET, 2007, p. 50, tradução nossa)

⁴ (...) a linguística estuda em seres humanos o fenômeno da linguagem articulada e seus produtos como a maneira que cada fisiologista estuda outras funções, a locomoção por exemplo, o olfato, a visão ou ainda a digestão, a circulação. E não somente ela pesquisa e determina as leis normais próprias para esse fenômeno, mas ela descobre e caracteriza as alterações verdadeiramente patológicas que se apresentam muitas vezes no curso da vida das línguas (HOVELACQUE, 1881, p. 09, tradução nossa).

Rialle	<ul style="list-style-type: none"> - A linguagem é uma série mais ou menos regular de sons e de combinação de sons que serve de meio de comunicação entre indivíduos da mesma raça. - A língua é um sistema de signos verbais convencionais e atualizado na memória; os signos possuem uma relação, ainda que remota, com os objetos representados e os nomes são dados aos objetos de um modo convencional. - A linguagem humana é articulada e convencional.
Paul Broca	<ul style="list-style-type: none"> - As línguas são criações arbitrárias, produto da vontade humana; tais criações são instáveis, mostrando que as formas variam.
Hovelacque	<ul style="list-style-type: none"> - A linguagem é um fenômeno psíquico e um fato social. - A linguística deve concentrar-se no estudo exclusivo da língua em si e por si, focando em seu funcionamento; não pode ser confundida com a filologia, que realiza estudos de natureza histórica. - A língua é uma manifestação humana que se dá naturalmente. Ela não é uma criação do homem, em que a vontade humana decide sobre ela. - A língua não consegue dar conta de suas evoluções, de suas alterações históricas; a língua, o sistema, não consegue dar conta dessas mudanças que ocorrem ao longo da história.

O quadro acima nos permite perceber que esses enunciados fazem parte da história do estruturalismo. Isso evidencia os discursos se cruzando, já-ditos sendo retomados. Nesse sentido, os dizeres que vemos sobre a fundação da linguística estão retomando, via memória discursiva, os discursos naturalistas e toda a discussão daquele século XVIII. O interdiscurso, as formulações ditas e já esquecidas, caídas no anonimato, voltam no CLG e nos manuais de linguística para rememorar esses embates ideológicos que os textos de Rialle, Hoveclaque dentre outros naturalistas nos permitem compreender.

Em relação aos pontos divergentes entre naturalismo e estruturalismo, vemos que a linguística saussuriana defende a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria diferenciar-se da visão histórico-comparativa e ser independente das ciências naturais e da psicologia, no caso, o naturalismo. Exceto esse ponto mais evidente, é possível verificar que o Estruturalismo do começo do século estava em sintonia com as ideias naturalistas.

O fato é que essa ideia de associar o estudo da língua ao estudo das raças, inferiores e superiores não agradou os estudiosos da época. Isso é claro. Por mais que as contribuições do naturalismo foram importantes, estar filiado ao discurso da seleção natural das espécies de Darwin, relacionando os assuntos da língua à biologia, negou o desenvolvimento dessa escola. Contudo, mesmo sendo um discurso negado e silenciado, não deixou de construir posições de sujeito - Hovelacque, Rialle, Schleicher, dentre outros – que defendiam esses discursos e analisavam a língua por via dessas práticas. A esse respeito, Desmet (2007) revela que o discurso naturalista jamais foi dominante e tais estudos foram criticados por linguistas histórico-comparatistas como Michel Bréal e Victor Henry. Autores como estes consideravam a antropologia como algo que não se poderia comparar à linguística, por ser de ordem totalmente diferente e deveria, portanto, estar fora do campo da linguística. Eles

recusam a ideia do parentesco de línguas ao parentesco das raças. Desmet (2007) também lembra que essa comparação entre a linguística e a antropologia é negada por Ferdinand de Saussure no CLG por acreditar que língua e raça são de realidades diferentes e que não podem ser comparadas.

Todo esse percurso histórico apresentado mostra as condições de produção que possibilitaram o surgimento de discursos sobre a linguagem no século XVIII e começo do século XIX. Com isso, notamos que tínhamos grupos diversos estudando a linguagem, com concepções diversas também sobre ela: naturalistas, neogramáticos, comparatistas, cada qual defendendo um discurso, sendo influenciados por ideologias diferentes em relação à ciência linguística. O nosso gesto de interpretação foi buscar tirar da evidência os sentidos sobre a fundação da referida ciência, observando os discursos silenciados e não contemplados pela história oficial sobre a instituição da linguística enquanto campo científico.

A história mostrou-nos embates ideológicos: o naturalismo defendia a língua enquanto um organismo vivo, influenciado pelo evolucionismo de Darwin; os neogramáticos propunham um estudo sincrônico quando discutiam as regularidades das leis fonéticas e uma linguística geral não-histórica, já os comparatistas defendiam o estudo histórico da língua. O comparatismo foi atacado pelo naturalismo e ambos foram negados pelos neogramáticos. Embates ideológicos que envolviam diferentes concepções de língua, métodos de estudo, posições de sujeito.

Ao mesmo tempo que os discurso desses grupos se repeliem, eles também tinham pontos de contato: naturalistas e neogramáticos concordavam que o estudo comparatista era incapaz de definir um objeto e método de estudo e uma teoria para se fundar a ciência linguística e que era preciso fugir do estudo histórico. Pensando nisso, os sentidos sobre a fundação da linguística evidenciam que as formações discursivas envolvidas nesse momento foram constituídas pela contradição, pela heterogeneidade, mostrando como as fronteiras entre uma escola e outra foram fluídas, tênues. Os sentidos sobre a fundação da linguística estão afetados pela história e por diferentes ideologias. Entretanto, muitas vezes, os manuais de linguística contam a história como se esse processo de fundação não tivesse seus apagamentos, silenciamentos, e tudo é dito de forma naturalizada, graças ao trabalho da ideologia ao produzir as evidências de que quem inaugurou os estudos sincrônicos da língua foi Ferdinand Saussure.

Outro ponto a se discutir é a posição de sujeito. As ideologias presentes neste momento histórico da fundação da linguística produziram diferentes posições de sujeito. Na visão de Pêcheux (2009) em que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, vemos que ideologias botânicas, interpelaram indivíduos como Rialle, Hovelacque e outros naturalistas, e foi assim que a língua produziu sentidos e discursos sobre o naturalismo. Os textos de autores como Rialle e Hovelacque demonstram a materialização de ideologias naturalistas. Dentro da noção de FD determinada por Pêcheux (2009) – aquilo que, em uma dada conjuntura, determina o que pode e o

que deve ser dito – vemos que, uma vez filiados a ideologia botânica, certamente os discursos dessa área seriam convocados. Outras posições de sujeito, como a de Max Muller, por exemplo, o qual foi contra o naturalismo, estavam influenciadas pelas ideologias comparatistas. Por não se filiar a esta FD, os neogramáticos, não só negaram o naturalismo como também propuseram explicação para a fundação da linguística a partir de sua FD. Fica claro que os sujeitos envolvidos nesse momento histórico foram constituídos por diferentes interpelações ideológicas.

Embora fossem negados, os estudos naturalistas contribuíram sobremaneira na fundação da ciência linguística, como nós a conhecemos. A natureza da linguagem foi um discurso que o naturalismo ajudou a reformular: desde os tempos de Aristóteles, a linguagem tinha uma função representativa, sendo um discurso defendido durante séculos. A partir das rupturas propostas tanto pelos naturalistas quanto pelos neogramáticos, a natureza da linguagem passa a ter uma função comunicativa. Os comparatistas, confortáveis em suas práticas, são obrigados a se defenderem das ameaças naturalista e neogramática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos naturalistas fazem parte de uma etapa epistemológica na disciplinarização da linguística; torná-la uma disciplina, uma ciência autônoma, passou também pelo naturalismo, um pensamento bem diferente ao proposto na época. Buscamos compreender o funcionamento da significação quando se promove um deslocamento nos modos de pensar/conceber o fazer científico nas ciências da linguagem. Com o estudo dos textos naturalistas foi possível perceber como se deu a designação de língua/linguística longe dos estudos estruturalistas, para inscrever o sentido em outro campo: a escola naturalista.

Por mais que o naturalismo não tenha alcançado êxito em suas propostas, entre o começo do século até a chegada das críticas dos neogramáticos, eles podem ser considerados como participantes de uma primeira fase da linguística moderna em que se tem uma concepção de língua como organismo vivo. O Estruturalismo e o Naturalismo mostram formas de significar o mundo, defendendo um real da história a partir de filiações ideológicas diferentes.

REFERÊNCIAS

CRUZ, M. A. Pêcheux, leitor do *Curso de linguística geral*. In: CRUZ, M. A. **Saussure, o texto e o discurso** – cem anos de heranças e recepções. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

DESMET, P. Abel Hovelacque et l'école de linguistique naturaliste: l'inégalité des langues permet-elle de conclure à l'inégalité des races?. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 29, fascicule 2, 2007. Le naturalisme linguistique et ses désordres. pp. 41-59.

FARACO, C. A. Apresentação. In: FARACO, C. A. **O efeito Saussure** – Cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

_____. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F., BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, volume 3, 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

HOVELACQUE, A. **La linguistique**. Paris: C. Reinwald, Libraire Éditeur , 1881.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009

RIALLE, J.G. O transformismo em linguística. In: **Jornal A Província de São Paulo**, ed. 107, 1875. Acervo Estado de São Paulo.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0